

EDITORIAL

A ANÍSIO TEIXEIRA, AS HOMENAGENS DE “TRABALHO & EDUCAÇÃO”

Um homem da passagem do século: nasceu em 12 de julho de 1900, na cidade de Caetité, Bahia. Um pensador, educador e militante, cujas idéias instigaram os espíritos adormecidos pela mesmice, provocaram anseios de mudança e liberdade. Pena, que no seu centenário, ainda pouco foi conquistado e estejamos enfrentando tantos retrocessos no plano das idéias e das práticas institucionais! Lê-lo, hoje, tomá-lo como interlocutor, debater suas idéias, é um dever de sabedoria e compromisso com as tradições de luta democrática de nosso país.

Profundamente preocupado em entender a situação educacional brasileira, Anísio Teixeira investigou com atenção o inter-relacionamento existente entre sociedade e educação. Constatou e denunciou, de forma contundente, a origem dos fatores que levam ao estrangulamento da expansão das oportunidades educacionais em nosso país, mostrou que esses fatores se encontram diretamente relacionados com a dinâmica da estrutura social brasileira.

Em diversas passagens de suas obras, ele insistiu em apontar a existência de interesses elitistas que promovem a preservação de dois tipos paralelos de ensino reservados a classes sociais distintas. Essa dualidade do sistema educacional brasileiro seria fruto de fatores estruturais, ligados ao processo mesmo de constituição da sociedade brasileira.

Procurou desmistificar valores e propósitos proclamados em favor da expansão massiva e da melhoria da eficiência da escola primária. Ele via, ao contrário, a existência de valores e propósitos reais a depor em favor de uma tendência perversa, antidemocrática, de contenção e simplificação progressiva desse nível de ensino.

Além das severas críticas à injustiça que essa dualidade e a tendência ao sucateamento da escola primária representavam, Anísio Teixeira via, também, no sistema educacional dominante no Brasil, aristocrático e intelectualista, um modelo completamente inadequado para o que estaria reclamando a sociedade contemporânea.

Impressionado com os contrastes, que pode perceber nas suas viagens aos Estados Unidos, entre a moderna sociedade norte-americana e a brasileira, entendia que esses limites estruturais, ou seja, os sistemas de privilégios e o atraso cultural produzido por essa estrutura social, representavam a principal barreira ao processo de avanço do país rumo ao desenvolvimento, ao conhecimento, à tecnologia e à democracia.

Isso porque, para ele, a educação não era apenas um desdobramento da dinâmica de desenvolvimento de um país, mas o principal vetor do processo de avanço da sociedade moderna e da transformação social. Via, nessa função da educação e da escola, fundamentos de diversas ordens: filosóficas, políticas, sociais, econômicas e culturais. Ele acentuava, sobretudo, a contribuição da educação para a vida democrática, tal como apregoava John Dewey¹, e Walter Lippmann, e o seu papel na indução do desenvolvimento econômico. Esse último, no entanto, era, ao seu ver, uma derivação do processo educativo, também pautado pela democracia, de direção e esclarecimento que essa sociedade democrática deveria desempenhar.

Seus princípios de escola democrática se pautavam na teoria, nas diretrizes e nas práticas da educação comum e progressiva. Comum, porque destinada à formação básica e integral de todos os cidadãos, sem qualquer tipo de discriminação. Progressiva, porque capaz de oferecer as bases para o desenvolvimento gradual de todas as potencialidades do indivíduo para conhecer e agir, qualquer que seja a forma através da qual ele vai se inserir na vida produtiva, seja em atividades mais abstratas ou práticas.

Defendia a educação integral, laica, gratuita e obrigatória como direitos do indivíduo na sociedade democrática, como afirmação dos princípios de coerência da educação pública. Fazer a revolução educacional implicava em estender todos esses fundamentos a todos os níveis de ensino, elementar, médio e superior, os quais deveriam ser estruturados segundo os princípios orgânicos da continuidade. Cabe lembrar os obstáculos formais que se interpunham, na época, à passagem de um nível de ensino ao outro, que consagraram, durante muitos anos a estrutura rígida e antidemocrática do sistema de ensino brasileiro. Tinha, no entanto, uma concepção naturalizada e organicista da divisão do trabalho, pois ao princípio da continuidade, acrescentava o da diversificação pelas diferentes atividades e ocupações, a partir da seguinte argumentação:

"Se é verdade, que o homem, na sociedade, tem direito ao desenvolvimento da intelligencia em sua plenitude, dahi se não segue que a organização de um instrumento unico, identico para todos e a todos accessivel a "escola unica", venha abrir para todos os homens a possibilidade de um pleno desenvolvimento de suas faculdades. Um desenvolvimento absolutamente igual de natureza desiguaes, desenvolve-as plenamente? Antes pelo contrario, semelhante aparelho de ensino não irá produzir o nivelamento intellectual e moral de um paiz, com a criação de um "typo médio", sem grandes defeitos, porém sem grandes virtudes, typo abstracto de cidadão, em que desaparecessem todas as qualidades e particularidades individuaes? Como pensar em desenvolvimento identico para todas as intelligencias de um paiz, se uma dellas vae constituir a intelligencia do campones, outra a do industrial, outra a

¹ De quem foi aluno e tradutor de obras para o português.

do letrado, a do profissional, a do artista? (TEIXEIRA, Anísio. A propósito da "Escola Única". *Revista do Ensino*. Salvador, v.1, n.3, 1924.)

Tais idéias, que expressavam tão-somente o pensamento liberal da escola comum e diferenciada, representavam, entretanto, para as forças reacionárias que dominavam o cenário conservador, elitista e antidemocrático da educação brasileira, um verdadeiro libelo contra suas posições e interesses.

E era também nesse sentido que Anísio Teixeira entendia ser o compromisso do intelectual e da universidade, o dever de questionar o estabelecido, colocar seus conhecimentos a serviço da resolução dos problemas da sociedade e da comunidade, do exercício da liberdade, facilitando a atividade humana, levando ao aperfeiçoamento social, sabendo não ser essa uma tarefa fácil, por implicar posicionamentos e confrontos. Por isso, ele entendia que a autonomia universitária não era uma simples concessão do Estado, mas uma decorrência lógica da natureza das funções da Universidade, que deveriam ser exercidas num clima de liberdade, sem constrangimentos políticos. Essa condição de independência, imunidade e confiança seriam também imprescindíveis para a reflexão acadêmica e a formação do espírito democrático das novas gerações, sobretudo, para a formação dos futuros professores.

De fato, preocupava-lhe a formação profissional dos docentes e dos pesquisadores brasileiros, pois ao testemunhar o enorme progresso tecnológico que demarcou esse século, perseguia-lhe a certeza do risco que corríamos (e estamos a incorrer!) de nos ver à margem e em posição submissa nesse processo, por falta de um sistema educacional de qualidade, de preparo técnico, de acúmulo de conhecimentos gerais e específicos exigidos pela sociedade contemporânea.

Despertava-lhe, sobretudo, a atenção e a preocupação, o desafio representado pela tendência desigual de desenvolvimento e pela não-correspondência entre, de um lado, a enorme velocidade do avanço tecnológico e, de outro, o frágil movimento e a acanhada proporção dos acréscimos e conquistas obtidos pelos campos social e educacional.

Com relação ao desenvolvimento tecnológico, mantinha as mesmas e duvidosas esperanças que atualmente nos assaltam, a expectativa de que o aperfeiçoamento e a difusão das tecnologias possam contribuir para acelerar o alargamento do acesso da sociedade às oportunidades educacionais e culturais, mas também o receio das implicações da lógica sistêmica, no bojo da qual tais tecnologias são produzidas e difundidas, para o desenvolvimento crítico e transcendental do pensamento humano.

Tais apreensões não lhe tiravam, porém, a enorme admiração que lhe despertavam os métodos de organização da produção e do trabalho, com seus princípios voltados para o aumento do rendimento, da precisão e da produtividade (o taylorismo-fordismo!) que governavam e emprestavam força e dinamismo à economia norte-americana. Para atender aos reclamos da civilização industrial e moderna, a

escola teria também que mudar seus métodos de ensinar e educar, bem como a sua forma de organização de trabalho, ser capaz de desenvolver antídotos, que pudessem se contrapor a alguns efeitos desse mesmo industrialismo:

"Um outro aspecto é o da super-especialização do trabalho na grande indústria. O trabalho torna-se com isto uma simples tarefa, desintegrada na vida do homem, que sente, assim, cada vez mais, que elle é uma simples "peça da machina," não havendo logar para pensar, nem para ter essa natural satisfação de saber o que está fazendo e que o que está fazendo vale a pena. Dessa desintegração das pequenas unidades anteriores – o trabalho individual, o lar, a cidade e a propria nação até a vinda da grande integração da "grande sociedade," – muitos problemas têm de ser resolvidos e mais uma vez se ha-de exigir do homem mais liberdade, mais intelligencia, mais comprehensão, – si é que não queremos ficar em uma simples interdependencia mechanica e degradante. E todos esses problemas, são problemas para a educação resolver". (TEIXEIRA, Anísio. Porque "Escola Nova". *Boletim da Associação Bahiana de Educação*. Salvador, n.1, 1930. p.2-30).

Para cumprir essa função, a escola deveria deixar de lado a pedagogia tradicional e abraçar os métodos ativos e progressivos, demarcando, assim, sua entrada no cenário das grandes transformações trazidas pela indústria e pelas relações políticas inauguradas pela moderna sociedade democrática; precisando: liberal. Com seu viés idealista, Anísio Teixeira assumiu com ardor o combate contra a velha escola; ele, cuja formação básica se desenvolvera no seio do jesuitismo. Acreditava nas conseqüências práticas que poderia trazer a mudança nos métodos de ensino-aprendizagem, tendo inclusive levado a termo, em 1950, a implantação do conhecido internacionalmente Projeto Experimental Escola-Parque, em Salvador, quando Secretário Estadual de Educação e Saúde.

Nessa escola, buscou-se desenvolver sua concepção de educação integral, a qual incluía atividades de preparação para o trabalho. Indistintamente, qualquer que fosse sua origem social, a criança e o jovem precisavam ver despertadas suas habilidades práticas, pois essa aprendizagem constituía, na concepção de Anísio, uma necessidade reclamada pela sociedade moderna. A educação para o trabalho era, nesse contexto, a educação para o desenvolvimento, aquela que deveria substituir o modelo educacional arcaico, voltado para a ilustração, o intelectualismo e a inatividade. A inclusão da educação técnica, mesmo que na sua feição artesanal, representava a tentativa de superação do dualismo que se encontrava no âmago da tradição educacional brasileira, entre dois tipos de escola, a do pensar e a do fazer, entre a vida material e a vida mental, entre meios e fins da atividade humana.

Tal concepção, mesmo que envolta em pragmatismo e industrialismo, comparada ao retrocesso que hoje assistimos de reafirmação do dualismo entre ensino geral e profissional pelas atuais reformas educacionais neoliberais, representam uma lição de lucidez e sensibilidade. Para Anísio, toda educação, em contraposição

ao antigo modelo aristocrático, deveria ter caráter predominantemente técnico-científico, intelectual e ao mesmo tempo ocupacional, pois toda educação geral tende a ser cada vez mais, profissional. À escola, caberia ensinar o viver, o trabalhar, o produzir.

Mas para que a escola pudesse cumprir esse papel, seria também preciso modificar os processos internos de administração escolar e a organização de seu processo de trabalho, buscando dotá-los de coerência com tais objetivos, articulando o conteúdo com a forma, os meios e os fins.

Anísio Teixeira, homem público (Inspetor Geral do Ensino da Bahia, Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, Conselheiro da Unesco, Secretário de Estado da Educação e Saúde da Bahia, Diretor da Capes e do Inep, Reitor da Universidade de Brasília, membro do Conselho Federal de Educação); homem amante da pesquisa e da arte do pensar (autor de inúmeras obras, criador do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, editor da revista Educação e Ciências Sociais); homem do debate e da polêmica, peregrino da luta pela educação pública; homem acusado de extremista e encontrado morto, em março de 1971, em poço de elevador, em circunstâncias misteriosas, está, em nossa memória, preservado enquanto símbolo da integridade, da liberdade do pensamento e do compromisso com as causas do povo brasileiro.

Lucília Machado